

São Paulo, 25. 3. 1960

(Saudosisticamente ao som de G. Brannens)

Papai,

dizem que os amigos são para estas ocasiões. O remédio é, portanto, recorrer a você, mesmo sem pré-âmbulo badalatório sobre a proverbial servitude.

O caso é o seguinte: ao partir, deixando Paris, surgiu o problema de como trazer o dinheiro que eu tinha apurado com a venda do meu automóvel. Comprar dólares foi impossível. O Heron, próximo, foi muito gentil e me trocou os francos contra um cheque em dólares.

O galho parecia queimado, mas quando, 2 meses mais tarde, um conhecido de meu irmão (que trabalha com divisas) tentou receber o cheque nos EUA, este foi recusado por falta de fundos. Escrevi então ao Heron contando-lhe o ocorrido, mas até agora não recebi resposta. Já passa

Um mês desde que enviei a carta e ignoro a razão pela qual a resposta não veio. Entre outras, não pode ser a fortada a hipótese de extrair de uma das cartas, a minha ou a dele. De qualquer forma, encontro-me em situação incômoda para voltar a escrever-lhe diretamente, o que poderia sugerir até mesmo uma desconfiança de minha parte, que não existe.

Nesta altura, você deve ter percebido que vou pedir-lhe para ir falar com Heron e esclarecer com ele o caso. É realmente isso. Acredito que seja a melhor forma de abordar a questão, para o esclarecimento da qual posso ainda fornecer-lhe as seguintes suposições:

1. - Em razão de minha demora em cobrar o cheque, o Heron poderia ter inadvertidamente ficado sem interesse com um saldo abaixo da quantidade do cheque (600 dólares), ~~Até~~ Nem

caso, ainda que seu saldo fosse de 599 dólares o cheque poderia ser recusado.

2. - Como eu tirei dito ao Heron que iria cobrar o cheque do City Bank em São Paulo e na realidade ^{diretamente} ~~através~~ ~~do~~ EUA, ele poderia ter expedido algo como uma ordem de pagamento de seu banco na minha para cá, com o fim de facilitar-me a cobrança. Nesse caso, o banco suíço daria baixa da importância correspondente e ele teria ficado sem fundos.

De qualquer modo, somente ele está em condições de esclarecer o fato que além de precisar sê-lo, ~~mas~~ mais por eu precisar do dinheiro para comprar um carro aqui.

Bem, Pixão, é só. Mas reconheço que não é pouco. Espero que você se sinta bem e, sobretudo, escreva-me com urgência, para que eu não fique no ar. Além, ultimamente, você não

tem primado pela aridez de um
correspondência.

Por aqui, tudo na velha ordem
embora os dverões de "cidade dinâmi-
ca", "que mais cresce no mundo" etc. con-
tinuem a ser furiosamente utilizados.

A verdade as coisas vão mudando de-
vagadamente. Mas não mudando.

A última novidade é uma Exposição de
Utilidades Domésticas, calcada na
Arts Ménagers e de tão mau gosto

quanto esta. As únicas coisas bonitas

expostas eram naturalmente as garo-

tas-propaganda (com o pedão do tro-

cadilho-verdadeiras utilidades domésti-

cas).

Outras mudanças: a de estudos civis

de muita gente, Bonilha inclusive (um

maio, mês das noivas), e a possível vol-

ta do Alemão no mês que vem.

Piorá dá um abraço na Anita e des-

culpe o abuso

Imaci